



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

As Marcas de Valadares: descrição etnográfica imagética e afetiva em torno de andanças entre Brasil e Portugal

Autoria: Patricia Martins (IFPR - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná), Antonia Regina Moura

A partir do encontro entre uma antropóloga, uma vídeoartista e um mestre violeiro e luthier partimos em busca de conexões performáticas-musicais entre Brasil e Portugal, através das cordas e trilhas da viola fandanguera e da viola beiroa. Partindo do litoral norte do Paraná, lugar de produção do fandango, uma musicalidade específica, circunscrita em práticas culturais caiçaras, partimos ao encontro de violas cujo parentesco apontava para a região de Beira Baixa em Portugal. Nesta road etnografia promovemos encontros, conexões e disjunções, revelando elementos sonoro-musicais e performáticos a partir dos quais estes instrumentos emergem. A proposta, deste modo, esteve em fazer confluir estes processos e musicalidades, propiciando o encontro e intercâmbio de agentes e instituições protagonistas na salvaguarda



deste fazer musical. Em articulações que ampliaram a visualização deste parentesco, por entre ateliês de luterias, casas de violeiros, palcos e ações artísticas diversas, e seguiram trilhas entre Brasil e Portugal, as violas circulam e criam trajetórias e redes diversas e complexas. O roteiro da estrada traçado pelo rastro da semelhança e a constatação do desaparecimento misterioso por algumas décadas da viola beiroa faz dessa dinâmica etnográfica uma experiência investigativa de caminhos. Deslocar-se até Trás-os-Montes numa fronteira árida, de ausência de cordas e uma riqueza de tambores e sopros fez-se sentir o ambiente tímbrico do vazio num contraste com a mítica de um processo de silenciamento. Descer Serra da Estrela abaixo e encontrar em vilas no coração português, um território recém estimulado pela retomada da construção desta viola, instigado por processos de patrimonialização e memória desses personagens únicos numa história e clima de disputas de narrativas provocou reflexões a cerca da viagem dos instrumentos para o outro lado do oceano. Através da produção de registros sonoros, audiovisuais e etnográficos, foram destacados os circuitos de produção da viola beiroa, propondo pensá-los em um movimento de conjunção onde se relacionaram estéticas e políticas, técnicas e subjetividades, poéticas e memórias, em um caminho que remeteu aos trânsitos musicais proporcionados pela viola entre Brasil x Portugal. E aqui, mesmo se toda relação tende a envolver modos de colaboração, também vale pensar e experimentar a respeito dos modos com que as práticas, matérias e/ou conceitos envolvidos possam interromper, deslocar e/ou transformar uns e outros, assim como estes artefatos musicais e suas gentes se fundem, transformam e mobilizam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: